

“Erdkunde”

ARCHIV FÜR WISSENSCHAFTLICHE GEOGRAPHIE

Acaba de chegar a nossas mãos o primeiro número de *Erdkunde*; *Archiv für Wissenschaftliche Geographie*, dado a lume em maio de 1947. O novo e, por enquanto, único órgão da geografia alemã é editado pelo Prof. Dr. CARL TROLL, tendo por redator o Prof. Dr. HERBERT LEHMANN e sendo publicado pela secular empresa editôra Ferd. Dummlers Verlag, de Bonn, à qual se deve a divulgação de trabalhos dos velhos mestres A. VON HUMBOLDT e C. RITTER. Os responsáveis pela iniciativa apontam, na “Apresentação”, o papel que deve caber à geografia, operando através da escola e das sociedades geográficas, na reeducação do povo germânico: “Cumprir apagar umas tantas ilusões estabelecidas pela distorção propagandista, mostrar a interdependência dos povos e cuidar do conhecimento político do mundo, no melhor sentido, e, destarte, concorrer para a compreensão entre os povos”.

Impossibilitados, por ora, de reencetar, em meio aos escombros, a publicação dos dois mais antigos e prestigiosos periódicos geográficos alemães — *Pettermanns Geographische Mitteilungen* e *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* —, deliberaram os geógrafos teutos suprir a falta de um órgão técnico com a fundação da nova revista, destinada a aparecer sem periodicidade determinada. Não possui a bela apresentação material que tanto concorria para o regalo dos leitores da *Zeitschrift*, citada acima; e que as condições atuais fazem inexequível, porém a aprovação e o apoio que a publicação ora lançada mereceu de geógrafos alemães, entre os mais eminentes, de antemão consultados nas quatro zonas de ocupação, emprestam-lhe grande autoridade.

As 120 páginas *in quarto* do primeiro número distribuem-se pelos seguintes assuntos:

Apresentação

Ensaio e Dissertações

CARL TROLL, “A Ciência Geográfica na Alemanha, de 1933 a 1945”.

WILHELM CREDNER, “As Construções Destinadas ao Culto na Paisagem da Indo-China (*Hinterindien*)” (ilustr.).

CARL RATHJENS e HERMANN VON WISZMANN, “Observações para o Estudo da Paisagem no Hedjaz Meridional” (ilustr.).

WOLFGANG HARTKE, “A Reocupação (*Neusiedlung*) Agrária como Problema Geográfico (ilustr.).

Pequenas Comunicações

Comentários Bibliográficos

Noticiário Profissional.

O retrospecto de TROLL (págs. 3 a 48) é, por sem dúvida, a matéria mais interessante contida no número que ora se comenta. Chega até nós como a primeira manifestação doutrinária da geografia alemã após a derrocada do Terceiro Reich. Divide-se o ensaio em seis capítulos, além de uma “Introdução”, a saber:

1. As tentativas de ingerência nacional-socialista no conteúdo da geografia científica.
2. Instituições da geografia alemã.
3. Geopolítica — a tragédia de uma doutrina e de uma família.
4. Conceituação geral da ciência geográfica.
5. Pesquisas geográficas de campo e expedições no exterior.
6. Objetivos e resultados da pesquisa nos diversos setores da geografia (a sair no próximo número).

Pareceu-nos ajustado à orientação que emprestou ao trabalho, o subtítulo que para êle escolheu o autor: “Uma crítica e uma justificação”. Com efeito, se, de um lado, assinala os erros cometidos, os caminhos improficuos da pseudo-ciência, por onde, pela mão do nazismo, enveredaram uns quantos geógrafos, seus patrícos, de outro lado, exalta o aspecto positivo da contribuição germânica para a ciência geográfica, “pecúlio espiritual que ao mundo não é dado olvidar”.

Aspira TROLL a que seja objetivamente apreciada, através de um depoimento germânico, “a luta acerba, que, também no campo científico, o fascismo e o nacional-socialismo moveram contra os alicerces da civilização”: “a nossa pers-

pectiva, exculpa-se o intérprete dos geógrafos teutos, foi, durante muitos anos, a de um prisioneiro". Ao lado de erros e desvarios — "manifestações parciais da crise geral do espírito, cuja mais temível consequência foi o despotismo da Alemanha de HITLER" — houve, entretanto, contribuições positivas, diante das quais, afirma TROLL, se torna impossível simplesmente riscar, nos trabalhos científicos, os doze anos decorridos e recuar à estaca de 1933, cumprindo antes e tão somente que a literatura seja expurgada das falsificações.

Há muitos conceitos dignos de meditação e pontos de vista originais na exposição que faz TROLL das relações entre a geografia e o regime nazista.

O autor aponta, por exemplo, a desconfiança manifestada pelo nacional-socialismo — para o qual tudo era produto do sangue — de que a geografia não houvesse ainda (em 1933) abjurado a crença determinista — onde tudo se explicava como produto do meio —, levando em seu bôjo uma rude contradição ao racismo, que conjurava "raças-de-navegantes", "raças-de-agricultores", etc. Muito embora fosse impossível uma discussão pública, livre e objetiva da oposição entre o que podemos denominar o preconceito do meio e o preconceito da raça, os efeitos finais dessa evidente antítese teriam sido, segundo TROLL, benéficos para a geografia alemã, conduzindo-a a um razoável meio-térmo.

Narra o geógrafo alemão como, da mesma forma que se fez sentir sobre a geografia humana a pressão do mito racista (*Rassenmythos*), foi a geografia econômica coagida pela política autárquica (*Autarkiepolitik*).

Sumamente interessantes são as considerações que o autor tece em torno das mutações, por vêzes violentas, havidas no pensamento oficial do Partido e as repercussões, no domínio da geografia, dessa volubilidade. Assim, por exemplo, o próprio conceito de etnia (*Volkstumsbegriff*), que teria podido servir de base para a incorporação de núcleos germânicos (*deutschen Volkskörper*) existentes fora das fronteiras do Reich, foi, a pouco e pouco, abandonado em favor de uma política de espaço-vital (*Lebensraumpolitik*), cujas pretensões iam muito além dos objetivos visados pela política "étnica" (*Volkstumspolitik*). O imperialismo sem limites (*schränkenloser Imperialismus*), que resultou, seria espelhado na proibição de imprimir, nos atlas geográficos, precisamente aqueles mapas etnográficos da Europa, que antes, com tanta insistência, haviam sido explorados pela propaganda nazista.

TROLL mostra a dificuldade de separar o joio do trigo, isto é, as perversões político-partidárias da ciência pura, quer se trate de (1) autores, (2) periódicos, (3) termos e expressões técnicas, ou mesmo (4) ramos do conhecimento, dando exemplos de cada caso.

No capítulo dedicado às instituições geográficas alemãs, refere-se o autor às numerosas agremiações existentes por ocasião da subida do nacional-socialismo, das quais sobressaía, por antigüidade e tradição científica, a *Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*. A "padronização" nazista (*Gleichschaltung*) não tardou a cobrar o seu tributo, começando por atingir as corporações sindicais, integradas por geógrafos cuja atividade se desenvolvia em cargos públicos (v. g. professores de geografia). Associações científicas mantidas pela contribuição voluntária de seus membros, como a Sociedade de Geografia de Berlim, citada acima, puderam conservar, ainda por algum tempo, a sua autonomia e sustentar o nível elevado em que desenvolviam as suas discussões científicas: o órgão da agremiação berlinense "nenhuma concessão digna de nota fez aos empenhos pseudocientíficos, aos ensinamentos racistas, à pré-história tendenciosa, à geopolítica, etc.". A fundação da *Deutschen Geographischen Gesellschaft*, como órgão centralizador de toda a geografia alemã, só ocorreria em plena guerra (1941) e, segundo TROLL, ela própria, teria objetivado defender as associações locais contra a ameaça de serem tragadas (*aufgeschluckt*), uma por uma, pelos núcleos do Partido, proteção essa obtida, é verdade, em troca de uma certa sujeição ao Ministério da Educação.

Uma síntese histórica como a que escreveu TROLL não podia deixar de situar a geopolítica, que teve pontos de contacto tão estreitos com a geografia e papel tão saliente na Alemanha de HITLER. E' o que faz o autor no terceiro capítulo de seu estudo. Já conhecíamos excertos da ata do tribunal que interrogara a KARL HAUSHOFER, após a vitória aliada; lêramos trechos da *Defesa da Geopolítica Alemã* (*Apologie der Deutschen Geopolitik*), testamento político de HAUSHOFER, assinado por este em novembro de 1945; e, através da pena de EDMUND A. WALSH, S. J., havíamos-nos inteirado dos pontos-altos do diálogo que travou HAUSHOFER, já alquebrado e desiludido, com esse padre norte-americano, vice-presidente da Georgetown University, fundador e diretor da School of Foreign Service desta escola superior, o qual durante anos se havia dedicado ao estudo crítico da obra do general-professor. Faltava a palavra franca e serena da geografia alemã. E' o que nos proporciona TROLL, com seu depoimento, lavrado dois anos após a cessação das hostilidades. Começa por fazer a distinção entre geografia política e geopolítica e afirma que os geógrafos alemães haviam con-

cordado, em princípio, com críticas dirigidas (por DEMANGEON e outros) contra a geopolítica e que haviam lastimado apenas o fato de que elas visassem indistintamente toda a geografia alemã. TROLL é incisivo em sua censura à doutrina expendida por HAUSHOFER: "O que se podia exprobar na geopolítica de HAUSHOFER antes de 1931 era pouca ciência (*geringe Wissenschaftlichkeit*), uma tendência política nem sempre estribada em bases objetivas e uma certa caça-de-efeitos (*Effekthascherei*), através de novos slogans ("*Zerrungsräume*", "*geopolitische Schütterzonen*", "*Wachstumspitzen*", "*Lebensraumenge*", etc.) e de desenhos-truques (*Trickzeichnungen*), os quais, com facilidade, logravam exprimir, mediante simples setas, as mais intrincadas relações espaciais"; com a definitiva encampação da geopolítica pelo nazismo, "foi pôsto de lado o último resquício de ciência".

Ao mesmo tempo, relata TROLL, a geopolítica, forjando um novo chavão — "Geopolítica militar" (*Wehrgeopolitik*) — deixava o plano do perigo espiritual, para pôr em risco, de modo imediato, a integridade da nação. TROLL sugere um exame do conteúdo da *Zeitschrift für Geopolitik*, logo após a irrupção das hostilidades contra a Rússia, em julho de 1941, para aquilatar a rapidez com que os "resultados" pseudocientíficos desse novo abuso da ciência se tornariam risíveis. A idéia, por exemplo, de que HITLER pudesse padecer na Rússia malôgro análogo ao que sofreu NAPOLEÃO tinha de ser refutada geopoliticamente, o que produziu grande safra de slogans e cartogramas ardilosos, tão escarneáveis quanto inúteis.

TROLL detém-se relativamente pouco na tragédia dos HAUSHOFER pròpriamente dita, brevidade que se justifica pela natureza do estudo a que se propôs. Resume o declínio do prestígio da família desde a fuga de HESS e a divergência entre KARL HAUSHOFER e seu filho ALBRECHT. Este último, tentando arrear da ruína completa, prestes a engolfar sua pátria, encontrou a morte, fuzilado pela Gestapo; KARL HAUSHOFER pouco sobreviveu à derrota da Alemanha, consumando com sua espósa, em março de 1946, um pacto de duplo suicídio.

Ao perquirir as raízes da geopolítica, TROLL tem o ensejo de tecer algumas considerações acêrca das opiniões a êsse respeito externadas por alguns opositores daquela doutrina. De passagem, focaliza, rápida, porém, agudamente, a figura de RATZEL, que floresceu "no solo do néo-naturalismo e do positivismo, que se constituiu, durante o século passado, tendo por base os ensinamentos evolucionistas de grandes biólogos europeus (LAMARCK, DARWIN)". Mostra como êsses preceitos, que, no domínio da biologia conduziram ao monismo de HAECKEL, foram levados por COMTE e SPENCER para o campo das ciências sociais. "Aqui, afirma TROLL, aqui na acolhida dos ensinamentos naturo-materialistas dos biólogos por parte das ciências sociais, se encontra a verdadeira raiz da doutrina de RATZEL e, de um modo geral, da subsequente sobrestimação do meio pela geografia".

Êsse pensamento perdura no quarto capítulo do estudo de TROLL, quando, por exemplo, o geógrafo contesta o acêrto de aplicar conceitos cunhados para a esfera da causalidade biológica aos planos supernais da causalidade psíquica. "Urge distinguir entre dependências puramente naturais, físicas e biológicas, que hoje se reúnem no conceito de ecologia, e as causalidades sociológico-econômicas, sôbre as quais se sobrepõem eventualmente relações ainda mais elevadas, de natureza ético-religiosa".

O autor fere muitos pontos interessantes neste capítulo em que esboça as diretrizes da geografia contemporânea; diante da necessidade de abreviar o presente comentário, limitemo-nos a reproduzir as suas principais conclusões: "Funcionalismo (em vez de simples causalismo) e historicismo (ao invés de apreciação estática) são as principais tendências da geografia moderna".

O quinto capítulo, com o qual TROLL remata a sua contribuição no primeiro número da nova publicação, inventaria as pesquisas e expedições alemãs, realizadas depois da primeira guerra mundial, as quais são assim distribuídas: (1) pesquisas alemãs no exterior antes e depois de 1933; (2) expedições de vulto após 1933 — pesquisas polares; (3) viagens individuais na África; (4) viagens individuais na Ásia e na Oceânia; (5) viagens individuais na América; e (6) pesquisas na Europa. Aí se encontram referências a umas duas centenas de viagens e expedições, como, por exemplo, os cruzeiros do "Meteor", a expedição de WEGENER e a viagem de SVEN HEDIN.

Na secção intitulada "Noticiário Profissional", *Erdkunde* relaciona os endereços de quase duzentos geógrafos alemães. Pôsto faltarem muitos nomes afamados nessa como que "chamada" de após-guerra, lá estão outros, cuja reputação nos incitava a procurá-los no rol (que não é necessariamente completo) dos que sobreviveram ao tempo, à opressão do estado policial, à guerra e à miséria

que a esta vem seguindo: WILHELM CREDNER, E. VON DRYGALSKI, NORBERT KREBS, FRITZ MACHATSCHKEK, A. PHILIPPSON, GEORG WÜST e outros. Entre êles, alguns estudiosos de temas brasileiros. Vive, por exemplo, OTTO MAUL, a quem devemos, entre outros escritos, "Die Geomorphologische Grundzüge Mittelbrasiliens" (*Zeitschr. d. Gesellsch. f. Erdkunde zu Berlin*, 1924), "Die Landschaften Mittel-Brasiliens; Ergebnisse einer Forschungsreise 1923" (*Verhandlungen des 21. Deutschen Geographentages zu Breslau*, 1925) e, sobretudo, essa magnífica *Von Itatiaya zum Paraguay* (1930). Vive também OTTO QUELLE, outro que nos visitou e que escreveu acerca de nossa geografia: "Rio de Janeiro; Beitrag zur Geographie einer tropischen Groszstadt" (*Zeitschr. d. Gesellsch. f. Erdkunde zu Berlin*, 1931), "Relatório das Viagens de Estudo na Bahia" (trabalho publicado originariamente no *Ibero-Amerikanisches Archiv*, 1928, e vertido para o português na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1929), etc. Figura ainda na lista S. PASSARGE, de cuja lavra temos "Das Rio Branco — Essequiho Problem" (*Pettermanns Geogr. Mitt.*, 1931).

O alvor de uma nova era para a geografia germânica, já aliviada do jugo que lhe impunha o regime nazista e que lhe prostituía, ao menos em parte, os objetivos científicos, há de ser motivo de júbilo para os geógrafos brasileiros. Houvesse vozes discordantes e apontaríamos as obras universais, que, direta ou indiretamente, estimulam o nosso pensamento geográfico, quando a êle não se incorporaram — tais as de A. VON HUMBOLDT e C. RITTER, por exemplo, que juntos constituem um marco na estrada palmilhada por nossa ciência; tal o livrinho de PESCHEL, "despertador de idéias", a lançar problemas geomorfológicos, que, subseqüentemente, seriam tratados nos alentados tomos de VON RICHTHOFEN, SUPAN ou MAULL; tal a discutida e discutível bagagem de RATZEL e seus seguidores... Nem nos seria lícito, a nós geógrafos brasileiros, desconhecer as contribuições que, especificamente, sobre o nosso país (ao lado sobretudo de estadunidenses e franceses) lavraram os germânicos — quer geógrafos propriamente ditos, quer cultores de ciências afins, periféricas. Não é sem fundamento que se reverencia entre nós a memória de VON MARTIUS ou VON ESCHWEGE, por exemplo. Seria longa e abarcaria largo período de tempo uma relação encabeçada por tão ilustres sábios: sem maior esforço, ocorrem-nos, à guisa de exemplo, os nomes de MAXIMILIAN, príncipe de Wied-Neuwied, HALFELD, WAPPAEUS, BESCHOREN, SELLIN, EHRENREICH, VON DEN STEINEN, KOCH-GRÜNBERG, KATZER, DODT, BRANDT, NIEMUNDAJU, VON HUENE, VAGELER, MAULL, LEINZ, PAUWELLS, VON FREYBERG, RAMBO, FREISE, WILLEMS, MAACK...

Os falsos ídolos foram consumidos — praza aos céus que para sempre — nas labaredas da grande conflagração. Podaram-se os galhos espúrios, tortuosos e improdutivos, com que o nacional-socialismo teimava em abastardar o velho e respeitável tronco da geografia. Façamos votos para que amadureçam — numerosos, exuberantes e fecundos — os frutos da pesquisa germânica desenvolvida no plano elevado da ciência verdadeira, e que o novo periódico *Erdkunde* possa, de fato, servir de "medianeiro entre os povos", como querem os seus dirigentes.

Hilgard O'Reilly Sternberg